



Accattone e Tommasino e Descoberta de Tommasino

Pier Paolo Pasolini
Tradução Aline Greff Buaes

manuscrita

Pasolini e os seus personagens na periferia de Roma

OS DOIS TEXTOS aqui apresentados foram publicados originalmente por Pier Paolo Pasolini (1922-1975) em uma coluna semanal que o escritor e cineasta italiano manteve entre 1960 e 1965 na revista *Vie Nuove* (então veículo oficial do Partido Comunista Italiano), na qual respondia a cartas recebidas dos leitores, em sua maioria jovens militantes comunistas. As duas crônicas a seguir abordam questões relativas ao processo de criação dos personagens Accatone, protagonista do filme homônimo de 1961 (lançado no Brasil com o nome *Accattone – Desajuste Social*), e Tommasino, ou Tommaso Puzzilli, protagonista do segundo romance romano de Pasolini, *Una Vita Violenta*, de 1959. As duas obras foram ambientadas nas periferias de Roma, mas com perspectivas muito diferentes. Os textos foram extraídos de minha dissertação de mestrado,



intitulada “Protegido pelas contradições – Cole-tânea de crônicas jornalísticas de Pier Paolo Pasolini (1960 a 1965)”, defendida em outubro de 2009 na Universidade de São Paulo (FFLCH-USP).

Accattone e Tommasino¹

Sr. Pasolini, ... acredito que existe uma diferença fundamental entre as posturas dos dois personagens, visto que em Tommasino o “ponto de chegada” significa luta, vitalidade, capacidade real ou provável de enfrentar as contradições da sociedade, enquanto em Accattone, a temática dinâmica, considerada como possibilidade de se contrapor dialeticamente à própria sociedade, termina devido a sua morte desejada, a um elemento dialético que teria sido necessário em uma luta que é a própria realidade. Acredito identificar neste final uma renúncia à reação e um prevalecimento de forças sociais e econômicas que oprimem o indivíduo, visto que a morte de Accattone representa o “máximo ponto de chegada”. De que modo, a vitalidade de Tommasino, compreendida como possibilidade de

1. A história do personagem principal do primeiro filme de Pasolini, *Accattone* (*Accattone – Desajuste Social*, 1961), se passa nos bairros da periferia de Roma e apresenta uma visão alegre do subproletariado, quase mítica, que mostra os personagens sobrevivendo através de pequenos furtos, em um meio completamente marginalizado. Os atores do filme não são profissionais, mas moradores reais das periferias romanas. Já Tommasino, ou Tommaso Puzzilli, é o protagonista do segundo romance romano de Pasolini, *Una Vita Violenta* (1959), que narra a trajetória deste garoto, proveniente de uma família miserável habitante da periferia de Roma, que aos poucos vai deixando para trás o universo violento e imoral onde vivia, que lhe custou dois anos na prisão, e adquire consciência social e política, após um período internado em uma clínica para tuberculosos, onde entrou em contato com jovens politicamente engajados.

Tradução

empreender uma luta social, pode estar relacionada com a “forçada” renúncia à mesma da parte de Accattone? Faço estas perguntas *porque ainda não vi o seu filme. As citações foram tiradas da revista Cinema Nuovo n. 150.*

*Marcello Romano – Terni*²

Ontem mesmo fui escolher o local onde serão filmadas as últimas cenas de *Accattone*. Nas proximidades de Roma, em direção às montanhas e aos vales do sul do Lazio e, precisamente, entre Subiaco e Olevano. Mas era sobretudo em Olevano que estava pensando, como local pintado por Corot³. Lembrava das suas montanhas sutis e esfumaçadas, compostas em perspectiva, como tantos enquadramentos sublimes, com uma etérea garça contra um céu da mesma cor das montanhas. Devia escolher um vale que, em um sonho de Accattone perto do final do filme, pouco antes da sua morte, representasse um bruto e denso paraíso. Em resumo, Accattone não apenas morre, mas vai para o paraíso. Você dirá: “Mas isto é o cúmulo! Não apenas depois da *conversão* de Tommasino, P.P.P. nos apresenta um filme no qual não existem conversões (do estado subproletário ao estado proletário e à luta de classes), mas um filme no qual se confirma “a integração simbólica” do estado tradicional e católico por excelência”. E você teria razão em se escandalizar se as coisas fossem mesmo assim.

2. O leitor *Marcello Romano* refere-se, provavelmente, a um artigo publicado na revista *Cinema Nuovo*, edição de março-abril de 1961, intitulado “L’Accattone de Pasolini”.

3. COROT, Jean-Baptiste Camille, pintor francês do século XVIII.

Na realidade, a *crise* de Accattone é uma crise totalmente individual. Ocorre não apenas no âmbito da sua inconsequente e inconsciente personalidade, mas no âmbito da sua inconsequente e inconsciente condição social. Se, por acaso, eu não tivesse tido a ideia de falar sobre esta crise, a mesma teria passado anônima a si mesmo e aos outros, como um fenômeno meteorológico em alguma zona desértica ou um desmoronamento dentro de algum vulcão.

Mas, visto que este caso ocorreu (ou seja, minha presença dentro daquela alma anônima), o fato terá algum sentido, escapará de algum modo da sua casualidade. Em primeiro lugar, a análise de um problema deve necessariamente terminar com uma solução *prática*? Eu não sou um político ou sociólogo, mas um escritor. A solução de um escritor difere daquela de um político ou de um sociólogo, já que está intimamente inserida nesta análise, é inseparável desta, é um elemento integrante. Em outras palavras, o tratamento e a esperança implícitos na análise social de um escritor são a sua “expressão”. Quanto mais esta for pertinente e poética, menos haverá necessidade de integrações didáticas, educativas, construtivas, etc.

Veja que, com isto, não quero negar que também se possa indicar *na prática* o caminho da luta e da esperança. Foi isto que fiz em *Una vita violenta*. Mas a história de Tommasino ocorria logo após os fatos da Hungria, ou seja, no momento em que um terrível estado de crise anunciava nascentes e luminosas soluções. O fim da era de Stalin, uma renovação interna e produtiva dos partidos comunistas. Era uma época da minha vida na qual, como escritor, eu não podia não

considerar sempre e constantemente aquela perspectiva de qual falava e, portanto, esta não podia senão estar intrínseca e continuamente ligada à minha inspiração⁴.

A história de Accattone, ao contrário, é mais breve. Tem a duração de um verão, que é aquele do governo Tambroni⁵. Tudo, no meu país, naqueles meses, parecia recair nas suas eternas constantes de mediocridade, superstição, submissão e inútil vitalidade.

Foi neste momento que comecei a olhar para o que ocorria dentro da alma de um subproletário da periferia romana (insisto em dizer que não se trata de uma exceção, mas de um caso típico de pelo menos metade da Itália), onde reconheci todos os antigos males (e todo o antigo e inocente bem da vida pura). Era evidente a miséria material e moral, a feroz e inútil ironia, a ânsia dispersa e obsessiva, a preguiça desdenhosa, a sensualidade sem ideais e, somado a tudo isto, o seu ancestral,

4. Em fevereiro de 1956, ocorre o *XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética*, que abriu um capítulo histórico de revisão do governo do ditador Joseph Stalin (1927-1953), seguido pela divulgação do relatório secreto do então secretário-geral do partido, Nikita Krushev, que revelava os crimes e desvios do período stalinista. Entre outubro e novembro deste mesmo ano, a invasão da Hungria pelas tropas soviéticas e a dura repressão contra a rebelião húngara aumentaram ainda mais o sentimento de decepção e destruição do mito comunista da União Soviética em todo o mundo. (HOBBSAWN, E. *Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991*. Trad. de Marcos Santarrita. São Paulo, Companhia das Letras, 1994)
5. O tumultuado período do governo de extrema-direita de Fernando Tambroni, entre março e julho de 1960, foi marcado por inúmeras crises internas nos partidos da coalizão governista, entre eles a Democracia Cristã e o polêmico MSI (herdeiro político do antigo partido fascista e aliado fundamental deste governo), que culminaram em violentos protestos de massa contra o governo, aos quais se juntaram também os movimentos antifascistas e comunistas. Os fatos deste período marcaram o fim do renascimento da extrema-direita italiana, iniciado após 1956, e o início das alianças de centro-esquerda, que dominaram o poder na Itália até o início dos anos 90. (GALLI, G. *I partiti politici italiani [1943-2004]*. Milano: Rizzoli, 2004)

supersticioso catolicismo pagão. Por isso ele sonha em morrer e ir para o paraíso. Por isso apenas a morte pode *determinar* o seu vago e confuso ato de redenção. Não há outra solução em volta dele, assim como em volta de um enorme número de pessoas similares a ele. É muito, mas muito mais raro, um caso como o de Tommasino do que um caso como o de Accattone. Com Tommasino criei um drama, com Accattone uma tragédia, uma tragédia sem esperança, porque espero que sejam poucos os espectadores que identificarão um significado de esperança no sinal da cruz com que o filme termina.

Vie Nuove, 1º de julho de 1961⁶

Descoberta de Tommasino⁷

Caro Pasolini, passei muito tempo em um sanatório de tuberculosos e, infelizmente, conheço

6. Publicado originalmente com o título “Accattone e Tommasino” no número 26, do ano de 1961, da revista *Vie Nuove*. In: *Saggi sulla politica e sulla società*. Milano: Mondadori, 2006, p. 941.
7. Para escrever seus romances romanos, como são chamados os dois romances de Pasolini ambientados nas periferias de Roma, *Ragazzi di Vita* (1955) e *Una vita violenta* (1959), o escritor se embasou principalmente na sua experiência pessoal, visto que nos seus primeiros anos em Roma, entre 1950 e 1954, morou e trabalhou como professor primário nos bairros periféricos de Roma. A Roma retratada por Pasolini nestas histórias era uma Roma desconhecida dos próprios romanos, que falava uma outra língua, a Roma das periferias, onde se misturavam camponeses, prostitutas e delinquentes. Atualmente, estes locais descritos por Pasolini estão povoados por personagens diferentes daqueles subproletários dos anos de 1950, em sua maioria italianos provenientes do sul do país e do campo em busca de melhores condições na capital. Os protagonistas de hoje não seriam mais chamados de “borgatari” (em referência ao termo “borgate”, bairros de periferia), mas “extracomunitari”, termo preconceituoso e depreciativo, amplamente difuso em toda a Itália, para definir os imigrantes provenientes de países

Tradução

quais são os problemas até hoje não resolvidos no campo antitubercular. Mas nunca tinha visto uma denúncia tão aberta desta grave praga que ainda existe na Itália como no seu filme *Una Vita Violenta*. Até hoje sempre se falou em sanatórios apenas para emocionar os leitores, até mesmo dizendo que este mal (também chamado “mal-de-secar”) era uma doença nobre reservada aos cavalheiros (como em *A dama das camélias* e outros romances do gênero⁸). Você, ao contrário, permitiu que muitas pessoas descobrissem coisas que a grande maioria dos cidadãos não sabe. Coisas que ocorrem atualmente, como jovens que recebem alta e tentam retornar para os sanatórios porque ali eles têm o que comer. Uma época se ia para o sanatório para morrer. Hoje, ao contrário, muitos são obrigados a se internarem novamente para poder sobreviver. E a sua denúncia é justamente esta. A polícia espanca e prende os doentes quando estes pedem um tratamento melhor, enquanto do outro lado estão famílias que não possuem nem mesmo uma casa e vivem em barracos, como ocorre em todas as cidades (Livorno, infelizmente, necessitaria ainda de, pelo menos, 4 mil casas para resolver este problema). Para tanto, junto ao agradecimento por ter enfrentado este problema, gostaria de transmitir o

externos à União Europeia, principalmente africanos, asiáticos e do Leste Europeu.

8. No romance *A Dama das Camélias* (1848), de Alexandre Dumas, a protagonista, uma cortesã francesa, sofre de tuberculose.

pedido para que você continue a falar sobre isso em *Vie Nuove*.

Nedo Panattoni – Rua Adriana, 29 – Livorno

Permita-me, em primeiro lugar, uma correção. O filme *Una vita violenta* não é meu. É obra de dois jovens diretores, Brunello Rondi e Paolo Heusch. O mérito pela alta qualidade do filme é todo deles. A trama de *Una Vita violenta* me apareceu repentinamente em uma noite de 1953 ou 54, quando estava terminando de escrever *Ragazzi di Vita*. Existe um ponto da Tiburtina⁹, na altura de Pietralata, e pouco antes de Tiburtino III e Ponte Mammolo (onde eu morava na época), que se chama Forte. Ali se enxergam uma base militar, um bar, uma fábrica, uma garagem de ônibus, os barracos e, por trás, uma colina, um monte sem vegetação e infernal, o “Monte do Pecoraro” (que tantas vezes descrevi nos meus livros e que voltarei a descrevê-lo no primeiro Canto do meu novo romance, um Inferno, precisamente, que se chama *La Mortaccia*).

Chovia, ou recém tinha parado de chover. O ar estava molhado e angustiante, com aquele azul escuro, fúnebre e brilhante, que aparece no fundo do horizonte quando é muito tarde e o clima se atenua para a noite.

Eu caminhava pela lama. E ali, na parada do ônibus que desvia para Pietralata, conheci Tommaso. Não se chamava Tommaso, mas era idêntico, de rosto, a como o descrevi depois repetidamente nas páginas de *Una vita violenta* e vestia, do mesmo jeito, uma roupa esfarapada, mas *séria*, com a camisa branca, talvez suja, e

9. Grande avenida de Roma, liga o centro da cidade à periferia sul.

uma gravatinha, violeta e lisa. Como costumam fazer os jovens romanos, logo pegou confiança em mim e, em poucos minutos, me contou toda sua história. O episódio que depois narrei no primeiro capítulo e a sua doença no Sanatório Forlanini.

Depois desapareceu. Não o vi mais. Nem em Pietralata, nem em Tiburtino, e nem em nenhuma daquelas míseras ruas que circundam a Città di Dite¹⁰.

Quando cheguei ao capítulo sobre o Forlanini, tive que me preparar, porque em toda a minha vida nunca tinha visto um hospital, senão devido a algumas visitas.

Conversei com dois antigos pacientes – que se tornariam depois dois personagens do romance, conversei com um dos médicos (irmão de um político comunista amigo meu) e conversei, por fim, com alguns doentes anônimos. Cinco ou seis dias de trabalho. E foi tudo.

Como você pode perceber, não sou um especialista em matéria de hospitais ou sanatórios, muito pelo contrário. Não tenho autorização para poder fazer licitamente o que você me pede.

Por outro lado, se você soubesse quantos outros pedidos parecidos com o seu eu recebo de todas as partes da Itália! Há alguns dias, um professor me pedia para escrever sobre a terrível condição na qual se encontram as escolas elementares no sul do país; um jovem mineiro toscano de Gerfalco me convidava a ir até a mina onde ele trabalha para relatar a situação desumana...

10. Città di Dite é uma das zonas do *Inferno*, primeiro dos três poemas de *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri (1265-1321), obra fundamental da poesia italiana caracterizada por uma descrição angustiante e terrível dos suplícios infernais.

Mas como eu faço? Vocês todos deveriam entender que descrevendo um *caso* italiano de miséria, de injustiça, pretendo simbolizar, sintetizar, todos os outros casos parecidos, que, eu sei, são infinitos, na nova Itália do Bem-Estar Social que está nascendo, com penosa imprudência, sobre o caminho da social-democracia (se tudo correr bem!)¹¹.

A minha vida não mudou. Eu continuo a experimentar uma Itália que, por sua vez, não mudou. A miséria, a indignação, o estado de injustiça, a angústia, a corrupção, não diminuíram por nada, ao contrário, aumentaram. Falar de bem-estar social (daquele relativo bem-estar social que consiste em não morrer de fome, em possuir um mínimo de dignidade econômica!) é um insulto. Não sei como explicar o ímpeto de ira que sofri quando um crítico francês, depois de ter assistido o meu filme *Accattone*, encolhendo os ombros, com o típico sorriso do liberal laico e cético, disse: “Nada é verdade. Na Itália agora há o bem-estar social”. Tive que ranger os dentes para não chamá-lo de imbecil.

Vivemos em meio à farsa e à hipocrisia. Se eu fosse um profeta, faria profecias muito tristes.¹²

Vie Nuove, 12 de abril de 1962

11. Em referência ao governo social-democrata vigente naqueles anos, fruto da coalizão de centro-esquerda entre o partido Democrata-Cristão e o Partido Socialista Italiano, e às políticas de Bem-estar Social, em fase de implantação na Itália e que geraram uma espécie de otimismo geral da parte da população.

12. Publicado originalmente com o título “Scoperta di Tommasino” no número 15, do ano de 1962, da revista *Vie Nuove*. In: *Saggi sulla politica e sulla società*. Milano: Mondadori, 2006, p. 1003.

Este texto foi citado pelo historiador Giulio Sapelli na obra *Modernizzazione senza sviluppo – Il capitalismo secondo Pasolini* (Milão:

REFERÊNCIAS

- BUAES, A. G. *Protegido pelas contradições – Coletânea de crônicas jornalísticas de Pier Paolo Pasolini (1960 a 1965)*. São Paulo, 2009. 202 páginas. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Italiana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- GALLI, G. *I partici politici italiani [1943-2004]*. Milano: Rizzoli, 2004.
- HOBBSBAWN, E. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. Trad. de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- PASOLINI, P. P. Accattone e Tommasino. *Vie Nuove*, Roma, 1961, n. 26. In: *Saggi sulla politica e sulla società*. Milano: Mondadori, 2006, p. 941.
- SAPPELLI, G. *Modernizzazione senza sviluppo – Il capitalismo secondo Pasolini*. Milão: Mondadori, 2005.

FILMES

- ACCATONE – DESAJUSTE SOCIAL*. Direção de Pier Paolo Pasolini. Itália: Versátil Home Vídeo, 1961. DVD (120 min), Dolby Digital 2.0, p/b.
- UNA VITA VIOLENTA*. Direção de Brunello Rondi e Paolo Huesch. Itália: Minerva/Raro Vídeo, 1962. Videocassete (105 min), p/b.

Mondadori, 2005, pp. 16-17) como exemplo do lado “antropólogo” de Pasolini, afirmando que seus “romances são trechos de diários etnográficos” e que o escritor consegue, através das suas análises das periferias romanas, “criticar a modernização do país a partir de dentro da própria modernização”, salientando “as sombras” do milagre econômico do final dos anos de 1950 e início dos anos de 1960.